

PROJETO MINERVA, A EDUCAÇÃO EM CRISE

Mara Caballero

CAUTELA ao revelar os próximos passos é a tônica das conversas com os principais responsáveis pelo Projeto Minerva que, depois de quase uma década de vida, passa por um momento crítico. Sua clientela — o brasileiro de idade média de 30 anos, morador da Zona Rural e dos pequenos centros — diminuiu no último curso (a segunda fase do primeiro grau, equivalente ao antigo ginásio), lançado em agosto do ano passado.

E a queda não foi pequena: 50%. Uma avaliação imediata foi feita, e não parece ter sido difícil descobrir as causas. O pagamento dos fascículos — indispensáveis para o acompanhamento das aulas pelo rádio — e o método de distribuição através de reembolso postal são os principais culpados. Justamente a

o fim 144 mil 450 alunos. No período 77/78, 138 mil 470 concluíram o curso. Já o 4º lançamento, em agosto do ano passado, com a novidade do reembolso postal e fascículos pagos, o número de alunos inscritos foi de 70 mil, a metade dos que concluíram o curso anterior. Esse número, 70 mil, não é oficial. É um cálculo aproximado feito pela professora Yvone Vieira, assessora das atividades educacionais do Projeto Minerva. O número mais real foi o apurado em março quando o total de alunos do curso 1º grau era de apenas 46 mil 165, oito meses após o início do curso. Como o índice de evasão é bastante elevado, espera-se que o número dos que acompanharam o curso até o fim deverá diminuir mais ainda.

As causas da evasão são apontadas pelo diretor do Centro de Produções, Allan Lima. Quase que na sua totalidade de trabalhadores, o

vadas. Várias ideias foram discutidas, inclusive a de aceitar ajuda de entidades particulares (seria publicada uma propaganda no fascículo em troca ou uma nota citando a entidade como colaboradora), mas o diretor Heitor Salles diz que esta não é a saída ideal, pois as agências de publicidades que detêm as contas de grandes empresas não vêem nos fascículos do Projeto Minerva um bom veículo: o público atingido não é exatamente de elevado poder de consumo. Há quatro anos, conta Heitor Salles, houve uma tentativa e quase um acordo com a Copersucar, que investiria Cr\$ 1 milhão. Mas foi o único interessado e concluiu-se que a citação de um único nome de apoio pareceria haver apenas um responsável pelo financiamento de todos os fascículos. A solução encontrada foi a ajuda da Fundação Roberto Marinho, que já financiava a edição e a distribuição

A mudança do texto é importante, de acordo com Heitor Salles.

Um texto de um livro didático deve ser modificado depois de certo tempo, o que não quer dizer que esteja errado. Mas devem ser feitos adendos, nome do novo Presidente da República, etc. Além disso, será mais dinâmico — como explica Allan Lima. Até agora o fascículo transcrevia exatamente o que era dito no rádio, desperdiçando-se assim um dos veículos. Vai-se procurar exigir mais ainda do aluno, pedindo que, no decorrer da aula, ele preencha algumas lacunas do fascículo, faça um traço em volta de determinada frase, evite que ele durma, o que muitas vezes ocorre, pois o cliente geralmente vem de um dia de trabalho, mora longe, etc.

Outra mudança é mais operacional. As duas áreas de educação e de recreação e cultural, etc.

especialmente para eles. A situação deve mudar pois, em breve, a maioria dos Estados fará exames especiais. É ainda uma tentativa de incentivar o candidato, pois muitos se amedrontam com a perspectiva de prestar exame na rede estadual que não se limita aos fascículos do Projeto Minerva para a elaboração das provas. Pensa-se, inclusive, em somar o preço do fascículo ao da taxa de inscrição. A rede estadual costuma cobrar entre Cr\$ 30,00 e 70,00 por disciplina.

As secretarias estaduais de educação são constantemente citadas como fator de dificuldade. Este ano, por exemplo, o curso de 2º grau deixou de ser veiculado em três estados (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Mato Grosso) porque as Secretarias de Educação desses estados não fizeram a previsão do pagamento dos monitores do 2º grau, como informa Allan Lima.

Em relação à programação, o Projeto Minerva assinou um acordo com a ABERT (Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e TV) onde aceitou, depois das muitas solicitações recebidas, a liberar o horário do Projeto Minerva para as manhãs de domingo. Segundo Allan Lima, alguns jogos de futebol regionais passaram a se realizar pela manhã (para permitir que os jogos principais dos grandes centros pudessem ser assistidos no interior diretamente pela TV à tarde). Passaram justamente para as 10h da manhã, hora do Projeto Minerva, que passou, então, para as 8h30m da manhã. A rádio que preferir continuar irradiando o Projeto às 10h da manhã, para não mudar a sua programação, grava o programa e depois o transmite às 10 horas, o horário habitual.

através de reembolso postal são os principais culpados. Justamente a semana passada foi decisiva. O diretor do Serviço de Radiodifusão Educativa, Heitor Salles, esteve em contato com a Fundação Roberto Marinho e, em Brasília, no 7º Encontro Nacional de Dirigentes de Órgãos do Ensino Supletivo, discutiram-se as prioridades do Projeto Minerva para os próximos cinco anos. Por que deixar de distribuir os fascículos gratuitamente e através de editoras particulares (Bloch, Abril) que já tinham know-how? A resposta é a de sempre: falta de verbas.

Mas o que se podia esperar depois de a educação decrescer de prioridade, ficando à sua frente o transporte? — lembra o coordenador do Centro de Produções do Projeto Minerva, Allan Lima. Não houve cortes só no Projeto Minerva. E o diretor do Serviço de Radiodifusão Educativa, Heitor Salles, garante que o Projeto Minerva não foi abandonado. Apenas não teve sucesso nas mudanças realizadas.

A falta de verbas foi duramente sentida (a deste ano foi de Cr\$ 48 milhões e, de acordo com Heitor Salles, seriam necessários mais 20%). Como disse um funcionário durante o encontro nacional realizado em fins de junho do ano passado, havia Cr\$ 30 milhões para o lançamento do curso de primeiro grau, segunda fase (antigo ginásio) em agosto, o que equivalia a um terço do necessário. A saída foi um sistema de co-edição com a Fename (Fundação Nacional do Material Escolar) e o MEC, com os Correios fazendo o levantamento do potencial da clientela. O feedback, no entanto, ficou aquém, do esperado havendo inclusive um encalhe dos fascículos. O diretor Heitor Salles diz que o encalhe não foi muito grande, pois os fascículos eram editados aos poucos (cada fascículo custa Cr\$ 9 por reembolso postal e serve para um período de um mês. São vendidos de quatro em quatro, nas bancas, ao custo de Cr\$ 12).

— Os que encalharam serão distribuídos por bibliotecas brasileiras. Mas nem todas. Como não há tanta biblioteca assim no Brasil, pode ver que o encalhe não foi muito grande...

Os números são expressivos: no período de 73/73, quando foi realizado o primeiro lançamento do supletivo de 1º grau, segunda fase (antigo ginásio) terminaram o curso (duração de 14 meses) 81 mil 555 alunos. No período de 75/76, foram até

Fundação Roberto Marinho, que já financiava a edição e a distribuição dos fascículos do segundo grau. Serão aproveitados os textos (com ligeiras modificações para o rádio) dos fascículos utilizados no telecurso de primeiro grau, evitando-se assim, segundo Allan Lima, a duplicidade de esforços.

— Não há uma prova, um teste antes do ingresso, e o grau de conhecimento é muito distinto, explica Allan Lima. Mas não queremos fazer um curso mais fácil. Nós não estamos preocupados com o índice de aprovação, mas em ensinar. Fazer um curso mais fácil seria um desserviço.

Há também fatores de ordem psicológica. O cliente que desiste por vergonha de ter dificuldades para compreender situações facilmente apreendidas pelos filhos.

A volta à distribuição gratuita do fascículo, já que é uma clientela carente de recursos, ou pelo menos a um preço mais acessível ainda, pois muitos defendem que um preço simbólico seria mais interessante do que a gratuidade, é uma das mudanças principais a serem apro-

nal. As duas áreas de educação e de recreação e cultural estavam ligadas diretamente à diretoria. Agora, são duas assessorias de Centro de Produções dirigido por Allan Lima.

Uma avaliação dos resultados práticos do projeto Minerva nos últimos anos é tarefa quase impossível. Quantos alunos foram aprovados nos exames supletivos depois de acompanhar o Projeto Minerva? Esse índice não existe porque as Secretarias de Educação estaduais onde são feitos os exames não discriminam a origem do Estado do candidato, uma informação constantemente solicitada e nunca respondida como lembra Yvone Vieira, a assessora de assuntos educacionais. Pode-se ter um idéia apenas nos Estados onde os estudantes do Projeto Minerva têm um exame

pagamento dos monitores do 2º grau, como informa Allan Lima. Enquanto o Projeto Minerva é responsável pela elaboração, emissão dos programas (distribui também o rádio, orienta os monitores e supervisiona), as redes de educação estaduais responsabilizam-se pelos rádio-postos e pelo pagamento dos monitores. Além disso, a equipe do Projeto Minerva considera a supervisão realizada pela rede estadual deficiente, mas não se esquecem de que o próprio Projeto Minerva também não tem condições de realizar as cinco visitas por curso (período de 14 meses) previstas em cada estado. A dois meses do final do 4º lançamento de curso de primeiro grau, segunda fase (antigo ginásio) os estados receberam apenas duas visitas, sendo que 10 tiveram apenas uma visita nesse período. A causa? Falta de verbas.

— Tenho uma verba, faço os cálculos, mas tudo aumenta e na hora da viagem não dá para ir. O problema da gasolina é o mais grave. O que nos interessa mais não é a capital, mas sim o interior dos estados, o que exige gastos maiores de transporte — observa Allan Lima. Por isso, os resultados do Projeto Minerva são até hoje um ponto de interrogação.

Ainda no setor de mudanças e novidades, um dos projetos mais importantes é o Sertanejo, dirigido especialmente ao homem da Amazônia, onde se pretende alfabetizar via rádio, ensinar novas tecnologias, de acordo com Allan Lima, uma das molas-mestras do projeto, transmitir uma gama de ensinamentos de modificação do modo de vida:

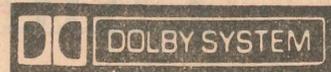
— Convencer o seringueiro a criar galinhas e a melhor utilizar a sua terra, por exemplo. Isso é fundamental, afirma o responsável pelo Centro de Produções. Auferir ao máximo a sua terra.

• Além das aulas de 20h às 20h30m, o Projeto Minerva tem programas aos sábados, das 13h às 14h15m, e aos domingos, das 8h às 9h15m. Durante a semana, além das aulas para o primeiro e segundo graus (que este ano não estão sendo transmitidas em todo o país), há uma programação informativo-cultural, opcional, para alguns Estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Ceará e Distrito Federal.



Rádio Jornal do Brasil FM Estéreo

ZYJ-453
AM-940 Hz — OT-4875 KHz
Diariamente das 6h às 2h30m



A programação de música clássica para hoje é a seguinte:

10h — Música de balé para Les Fêtes d'Hebé, de Rameau (Leppard e English Chamber-Orchestra — 46:40); Fantasia sobre Motivos Poloneses, para Piano e Orquestra, Op. 13 de Chopin (Arrau, Filarmônica de Londres e Elishu Inbal — 14:30); Sinfonia Clássica, de Prokofieff (Academia St-Martin-in-the-Fields e Neville Marriner — 14:00); Concierto de Aranjuez, Versão para Harpa e Orquestra, de Joaquín Rodrigo (Zabaleta — 22:00); Francesca da Rimini, Op. 32 de Tchaikowsky (Sinfônica Nacional de Washington e Antal Dorati — 24:00); Stabat Mater, de Alessandro Scarlatti (Mirella Freni, Teresa Berganza, Orquestra de Câmara Paul Kuentz e maestro Charles Mackerras — 46:12).

20h — Suite (Ouverture) nº 1, em Dó Maior, de Bach (Leppard — 25:22); Sonata para Harpa, em Ré Menor, de Corelli (Zabaleta — 8:40); 4 Episódios do Balé Rodeo, de Aaron Copland (Sinfônica de Londres e o autor — 19:47); Sonata em Ré Maior, k 576, de Mozart (Alicia de Larrocha — 14:49); Concerino nº4, em Fá Menor, de Ricciotti (Marriner — 11:18); Variações sobre um Tema de Haydn, de Brahms (Orquestra de Cleveland e Maazel — 17:10); Burleske, em Ré Menor, para Piano e Orquestra, Op. 11 de Richard Strauss (Serkin — 19:22); Les Choéphores, de Darius Milhaud (Vera Zorina, McHenry Boatright, Irene Jordan, Coros da Schola Cantorum de Nova York, Filarmônica de Nova York e Leonard Bernstein — 24:20); Concerto em Sol Maior, para Bandolim e Orquestra, de Hummel (André Saint-Clivier e Orquestra Paillard — 17:25).

Amanhã

20h — Transmissão quadrafônica — SQ — Tocata e Fuga, em Ré Menor, de Bach (Ormandy — 9:10); Concerto em Sol Maior, para Flauta e Orquestra, k 313, de Mozart (Michel Debost — 23:45); Sinfonia em Lá Maior (1850), de Saint-Saens (Martinon — 25:12); Sonata em Lá Maior, para Violino e Piano, de César Franck (Wanda Wilkomirska e Antonio Barbosa — 28:00); Sinfonia nº 2 (Os 4 Temperamentos) de Nielsen (derNSTEIN — 34:27); Poema, para Violino e Orquestra, Op. 25 de Chausson (Perlman — 16:30).

22h25m — Stereo, 2 Canais — Missa Sancti Nicolai, de Hadin (Simon Preston — 34:00).